

A busca da felicidade

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do TRF da 5ª
Região

Faz algumas semanas, alta noite, depois da liturgia de despachar processos, assinar acórdãos, examinar a pauta de julgamentos, procurei uma pausa para refrigério do espírito.

Liguei a televisão e, por acaso – aliás George Bernanos dizia ser o acaso a lógica de Deus – estava começando a ser exibido o doce e extraordinário filme – *Stalker* – do genial mestre russo, o polivalente diretor Andrei Tarkovsky.

A cena é singular, dando à película uma formatação onde se misturam contagiante lirismo e cruento realismo.

Como, perguntariam os arquitetos do óbvio, unir poesia e sofrimento?

Simple, responderiam os teóricos de cartesiana lógica. E o fato o comprova.

Tudo se passa numa calma, modorrenta e bucólica aldeia, onde nada de importante acontecia.

Era um vilarejo parado no tempo.

Um dia, onde apenas a ficção científica seria capaz de criar, a aldeia é devastada por estranho e tenebroso artefato.

No meio de tamanha tragédia, alguns curiosos e empíricos admiradores dos fenômenos da natureza entenderiam ter sido o burgo destruído por uma chuva de meteoros.

A partir desta descoberta científica, começa a odisséia do grande protagonista do enredo.

Ele toma a peito a tarefa de reconstruir, para todos, a felicidade perdida.

Para tanto, se traveste em guia buscando novos e sadios horizontes, guiando homens e sentimentos por ínvios, difíceis e inacessíveis veredas, até uma área denominada A Região, onde teriam caído os meteoros, zona perigosa e pantanosa.

Vencidos os obstáculos, até se chegar ao local desejado, que pode ser chamado de “o quarto” ou “alojamento”, alguns conseguem fazê-lo.

Outros, porém, desistem do desafio, no entendimento de que o sacrifício é inútil.

O guia, todavia, não foge do seu destino.

O objetivo era maior do que o sofrimento.

A felicidade, neste caso, é construção de muitos.

É medida de abnegação. Gesto de soberba grandeza interior.

Na parte final do filme, a cena que fez história.

A mulher, ao receber seu marido, o guia da jornada pela felicidade, vendo-o exausto, abatido, cansado, com certeza traumatizado pelo insucesso da caminhada, afirma solene e corajosamente: “É melhor uma felicidade amarga que uma vida apagada”.

Mestre Vinícius de Moraes, poeta de todas as emoções, dá-nos lição assemelhada, quando verseja, lembrando que até “o amor que não compensa vale mais que a solidão”.

É verdade: qualquer busca da felicidade faz a vida maior.